

SÃ³crates e DurÃ£o: A Bem da NaÃ§Ã£o!

07-May-2009

Apesar de surpreso pela notÃcia do apoio de JosÃ© SÃ³crates a DurÃ£o Barroso, o que mais me chocou nÃ£o foi o facto de o Primeiro-Ministro apoiar a reeleiÃ§Ã£o do actual presidente da ComissÃ£o Europeia, mas sim os argumentos nacionalistas utilizados para sustentar essa posiÃ§Ã£o. SÃ³crates no parlamento nÃ£o disse uma palavra acerca do mÃ©rito de DurÃ£o Barroso, do trabalho desenvolvido pela comissÃ£o, da capacidade de lideranÃ§a, dos projectos para o futuro. Pelo contrÃ¡rio, defendeu-se dos ataques da oposiÃ§Ã£o com um discurso patriÃ¢tico do "se Ã© portuguÃªs Ã© bom", o que revela um total desrespeito pela visÃ£o supranacional que deveria orientar os discursos dos IÃ±-deres europeus nas discussÃµes acerca do projecto europeu e que Ã© tÃ-pico do provincianismo que muitas vezes caracteriza muitos dos dirigentes da pÃ¡tria. Claro que tambÃ©m nÃ£o faltaram as velhas acusaÃ§Ãµes de sectarismo da esquerda, mas onde Ã© que encaixamos entÃ£o MÃ¡rio Soares, JosÃ© Manuel Fernandes ou Vasco Pulido Valente que condenaram em unÃ-ssono esta "saloiice" e com quem eu me vi obrigado a concordar?

Eu sei que hoje em dia os princÃpios contam pouco, mas entÃ£o fica a pergunta: e se fosse MÃ¡rio Machado? Votaria SÃ³crates na sua eleiÃ§Ã£o contra um qualquer estrangeiro independentemente da ideologia? SerÃ¡ que ser portuguÃªs Ã© o critÃ©rio mais importante quando confrontado com um estrangeiro? JÃ¡ nos tÃ-nhamos dado conta que isso acontece invariavelmente nos relatos radiofÃ³nicos dos jogos da UEFA, do Euro ou do Mundial sempre que equipas nacionais jogam contra estrangeiras, mas querer aplicar a mesma regra Ã UniÃ£o Europeia para alÃ©m de ridÃculo Ã© perigoso, porque faz despertar sentimentos que quando levados ao exagero resultam invariavelmente em guerra, e a Europa jÃ¡ testemunhou duas guerras mundiais graÃ§as ao nacionalismo exacerbado, e ainda hÃ¡ bem pouco tempo a JugoslÃ¡via se fragmentou atravÃ©s de uma guerra brutal que derivou da mesma problemÃ¡tica. Mas nÃ£o Ã© isso que aqui estÃ¡ em causa, aquilo que se pergunta Ã©: para JosÃ© SÃ³crates, em que lugar encaixa o critÃ©rio nacional? Acima do mÃ©rito, da capacidade, da visÃ£o, do projecto? AtÃ© que ponto o nacionalismo Ã© mais importante que qualquer outro critÃ©rio para o nosso primeiro-ministro?

Ã‰ claro que houve logo um coro de aplausos Ã coragem de SÃ³crates. Por exemplo, o director do Sol, JosÃ© Saraiva, argumenta com o facto de ficarmos contentes sempre que o Ronaldo marca ou ganha um jogo! Eu acho mas Ã© inacreditÃ¡vel como Ã© que se pode comparar o sucesso ou insucesso de Ronaldo com o destino e o futuro da Europa! Sim, porque Ã© disso que se trata. Ã‰ que eu nÃ£o vislumbro atÃ© que ponto influenciarÃ¡ a minha vida uma derrota ou vitÃ³ria de Ronaldo! Mas tenho a certeza de que a eleiÃ§Ã£o do presidente da comissÃ£o europeia terÃ¡ uma relaÃ§Ã£o directa no que serÃ£o os prÃ³ximos 5 anos para os europeus, porque dele dependerÃ£o muitas das directivas que influirÃ£o directamente sobre as nossas vidas, dos portugueses e dos europeus, seja IÃ¡ qual for a distinÃ§Ã£o. Porque esse patriotismo da bandeira na janela ou Ã varanda e em que depois no dia das eleiÃ§Ãµes se fica em casa a mim nÃ£o me diz rigorosamente nada. Isso nÃ£o Ã© patriotismo, Ã© provincianismo.

A verdade Ã© que a UniÃ£o Europeia nÃ£o pode viver refÃ©m desta mesquinhez nacional, nÃ£o pode ser uma soma de nacionalismos, de Portugal Ã PolÃ³nia, da Alemanha Ã FranÃ§a, correndo o risco de implodir quando todos os IÃ±-deres decidirem em funÃ§Ã£o da sua prÃ³pria nacionalidade.

Aproveito tambÃ©m a oportunidade para indagar entÃ£o atÃ© que ponto chega o amor Ã nossa terra. Nas eleiÃ§Ãµes legislativas o critÃ©rio entÃ£o dos habitantes de Castelo Branco serÃ¡ votar SÃ³crates porque Ã© da cidade. Nas eleiÃ§Ãµes autÃ¡rquicas votaremos no candidato da nossa freguesia. Para a junta o critÃ©rio seria votar na pessoa da minha aldeia. No condomÃnio votarei naquele que for do meu andar. Ã‰sta a noÃ§Ã£o que o PS tem da polÃtica de proximidade. EstÃ¡ bem que atÃ© pode ser para alguns um bom critÃ©rio, mas nÃ£o pode ser de todo um preceito que reja as decisÃµes de um primeiro-ministro. Isto nem num paÃ±o faz de contas. Ã‰sta a velha discussÃ£o em torno das capelas e das capelinhas e o nacional-umbiguismo ou nacional-amiguismo no seu esplendor mÃ¡ximo.

Claro que todos quererÃ-amos um TGV Ã porta, um aeroporto na cidade, uma auto-estrada que desembocasse no nosso bairro. Mas nÃ£o Ã© por amarmos a nossa terra e termos poder para o fazer que agora desataremos a construir elefantes brancos sÃ³ porque Ã© bom para a nossa cidade independentemente de ser mau para o paÃ±o. O mesmo se aplica Ã escolha de DurÃ£o Barroso. NÃ£o Ã© por ser prestigiante para Portugal que iremos pÃ‘r em causa o futuro da UniÃ£o. Barroso foi o criado de serviÃ§o na mais vergonhosa cimeira da nossa democracia e que originou a mais vergonhosa guerra das Ãºltimas dÃ©cadas, caracterizada pela mentira e motivada pela ganÃ¢ncia de Bush e seus amigos. Barroso Ã© o rosto ultrapassado do neo-liberalismo fraudulento que nos colocou perante a mais grave crise econÃ³mico-financeira desde a 2Ãª Guerra Mundial. Barroso foi o homem que deixou Santana como heranÃ§a, foi o homem que na Ãºltima cimeira do G-20 nÃ£o se viu. NÃ£o se deverÃ¡ o protagonismo de Sarkozy, Brown, Merkel e Berlusconi Ã falta de carisma e lideranÃ§a do presidente da ComissÃ£o Europeia? E de que modo isso se traduz em prestÃ-gio para Portugal? SÃ³ se for um prestÃ-gio Ã prestige! Um prestÃ-gio contaminado pelo petrÃ³leo.

Talvez este apoio se deva exactamente ao facto de Barroso ter oferecido uma oportunidade Ãºnica a SÃ³crates de obter a maioria absoluta, isto porque ninguÃ©m de bom senso vislumbrava alguma espÃ©cie de futuro para a dupla Santana/Portas... E atÃ© desconfio que o apoio incondicional ao tratado de Lisboa, esquecendo o tÃ£o prometido referendo Ã vontade popular, se deve somente e tÃ£o sÃ³ a isso mesmo, ao nome: Lisboa. JÃ¡ imaginaram nos livros de histÃ³ria, a par do Tratado de Roma e dos fundadores da comunidade europeia, o Tratado de Lisboa e SÃ³crates como mentor da nova Europa? Eu nÃ£o, mas aposto que SÃ³crates tem vindo a sonhar com isso, apesar do nÃ£o irlandÃ©s e as reticÃªncias checas terem transformado aquilo que parecia um belo sonho num pesadelo...

Agora o nacionalismo discute-se internamente atravÃ©s da necessidade de um Bloco Central, a bem da naÃ§Ã£o. EntÃ£o estes senhores repartiram o poder nos Ãºltimos 33 anos, acusam-se mutuamente sobre as culpas do atraso estrutural que cada vez mais nos caracteriza, da inÃ©rcia governativa instalada, dos Ã-ndices vergonhosos que nos afundam nas tabelas de desenvolvimento e querem agora fazer-nos crer que serÃ£o eles a salvar-nos? E depois de quatro anos de bloco central, para cima de quem atirariam a responsabilidade da mÃ¡ governaÃ§Ã£o? Por mais que os cartoonistas, humoristas e a generalidade dos comentadores se regozijem com a ideia de SÃ³crates e Manuela a passear de mÃ£os dadas por SÃ£o bento, o paÃ±o nÃ£o pode aceitar este cenÃ¡rio aterrador de Ã§Ã;nimo leve.

Afinal de contas, isto Ã© porreiro para quem pÃ¡?

Â

Â

Texto de Daniel Nicola